

Movimento protestante na América Latina: os primeiros protestantes e o processo de implantação da religião no continente

Júlia Maria Junqueira de Barros¹

Introdução

O processo de penetração do protestantismo na porção sul do continente americano remonta a meados do século XIX. A princípio, dois tipos de protestantismos se instalavam na América Latina; O protestantismo de imigração, e o protestantismo de missão (MENDONÇA 2005). No protestantismo de imigração a fé protestante foi por certo tempo professada de maneira doméstica, devido aos entraves estabelecidos pela religião Católica, até então dominante e hegemônica no continente. O protestantismo de missão chega ao território também do meio para o fim do século XIX e tem seu período de fortalecimento no século XX, quando a ação missionária norte-americana se intensifica.

Jean Pierre Bastian (BASTIAN 1990) associa intimamente o desenrolar histórico do fenômeno religioso protestante à penetração do capitalismo pelo continente. Enquanto os protestantismos de imigração, formados por imigrantes europeus, permaneciam em grande parte comunidades fechadas e concentradas em seus membros o protestantismo de missão tinha objetivos diferentes. A conversão de fiéis era seu foco principal. A expansão do capitalismo funcionou como facilitador, aos olhos de Bastian, para a entrada e permanência da fé reformada no continente. Além do capitalismo, o desenvolvimento dos ideais liberais também foi fator importante para a penetração protestante na América Latina. Os liberais em vista de minar a força hegemônica e dominadora da Igreja Católica no continente, favoreciam a entrada de grupos protestantes de pensamento liberal. O estímulo e o relacionamento próximo entre liberais e protestantes foi visto como uma aliança por conveniência (BONINO 2002). Ao mesmo tempo em que os protestantes missionários, principalmente norte-americanos, buscavam expandir seu campo de atuação e guiados pelo “destino manifesto” levar uma fé mais pura e esclarecida a outros povos, os liberais latino-americanos buscavam uma alteração no *status quo* e, o enfraquecimento do poder da Igreja Católica em parte proporcionaria tal alteração.

Portanto o protestantismo chega a terras latinas de formas variadas, e professando idéias liberais. O desenvolvimento do “capitalismo dependente” (BASTIAN 1990) e o fortalecimento de uma burguesia liberal local foram fatores de extrema importância nesse processo.

Período de implantação; século XIX

Como já dito a fé protestante foi praticada em ambiente doméstico em seus anos iniciais e a introdução da religião no continente se deu de forma gradativa. A presença protestante era restrita no continente durante o período de formação dos Estados Nacionais; a liberdade de culto era permitida no seio de grupos étnicos (imigrantes europeus) porém o trabalho proselitista não era visto com bons olhos. A questão da liberdade religiosa foi sendo flexibilizada gradativamente. As contradições econômicas e políticas vividas no continente favoreceram a entrada de novas religiões e paralelamente o fortalecimento do capitalismo norte-americano impulsionava as religiões protestantes no sentido de expandir a sua fé. Nesse contexto a Igreja Católica encontrava-se debilitada política e economicamente, porém ainda se mantinha hegemônica a nível religioso, dificultando o estabelecimento da cultura protestante. No entanto, as primeiras missões norte americanas já se instalavam no continente por volta dos anos de 1855/56.

Dá em diante houve uma tendência a excluir a América Latina dos programas de missões nas instituições européias. Tal cenário só verá significativa alteração no século XX. Em Edimburgo (1910) as denominações européias determinam que a América Latina não seria palco para a expansão protestante visto que este era um continente Católico. No entanto os protestantes norte-americanos e alguns outros já estabelecidos no continente defendiam a causa da evangelização do “continente abandonado”(PIEDRA 2006), como se referiam ao território. Piedra e Bonino salientam que segundo estes protestantes, a Igreja Católica teria falhado em evangelizar o continente.

Fixação e fortalecimento no século XX

Em 1916 foi organizado no Panamá um congresso que pretendia ser uma resposta às determinações de Edimburgo que excluía a América Latina como Território de

missão. Pretendia-se discutir a estruturação de uma identidade protestante latino-americana (BONINO 2002). O congresso do Panamá foi um marco na História do protestantismo latino-americano; o primeiro movimento em direção à estruturação de uma ação protestante organizada no continente. Foi no Panamá onde primeiro se fez referência à necessidade da definição dessa identidade protestante genuinamente latino-americana. O protestantismo começava a se estruturar na América Latina e mostrar seu papel na formação de uma idéia de cidadania e liberdade ainda incipientes no continente.

A difusão da nova fé baseada no “american way of life” se deu inicialmente em ambiente urbano, porém atinge também o ambiente rural. Aí as denominações protestantes trabalham no sentido de promover a alfabetização como forma de levar acesso “à palavra” àqueles que não sabiam ler e escrever (MENDONÇA 2008). A criação de escolas, de imprensa específica, de igrejas locais e de hospitais e clínicas são características marcantes dessa expansão protestante no continente, segundo ressalta Bastian. Em busca de uma reforma moral e espiritual do continente latino-americano os missionários pregavam uma cultura norte-americana e foram acusados posteriormente de serem “agentes do imperialismo”. Bonino aponta em *“Rostos do protestantismo Latino-Americano”*, como diversos historiadores do protestantismo acusam o movimento de ser a “ponta de lança” do imperialismo ianque (BONINO 2002). No entanto discorda de tal posição ao identificar uma consciência da formação de uma identidade religiosa no continente em meados do século XX. Lembra-nos, ainda, como o discurso norte-americano do pan-americanismo surtiu um efeito deveras contrário da intenção inicial. O pan-americanismo em seu aspecto religioso, como citado por Bonino e descrito por Eduardo Braga em 1916 tem diversas facetas que, buscam ao mesmo tempo o desenvolvimento dos projetos liberais das recentes repúblicas latino-americanas, o freio da ânsia intervencionista dos estados Unidos sobre o continente e a busca genuína por relações amigáveis entre as repúblicas da América. O que se faz preciso é compreender a posição da religião nesse meio político. Como o protestantismo se encaixa na noção de pan-americanismo daqueles que estavam no Panamá e, suas percepções acerca dessa relação com a religião. Porém uma associação entre o imperialismo e o protestantismo não pode deixar de ser feita ao considerarmos o momento histórico em que a expansão protestante se fortalece especialmente no continente americano, Piedra ressalta:

“Os protestantes aceitaram o neocolonialismo não só por causa das vantagens religiosas, mas também pelas vantagens em si que isso representava econômica e geopoliticamente para seu país. (...) Ainda que em certas ocasiões expressassem sérias dúvidas sobre os perigos do imperialismo norte-americano, estavam persuadidos de que a expansão do capitalismo nessa região traria unicamente benefícios. Além disso, consideraram que as grandes nações tinham a responsabilidade de velar pela segurança do mundo; em conseqüência acolheram o argumento de seus governantes, que acreditavam que a expansão e intervenção em assuntos estrangeiros eram simplesmente um assunto normal” (PIEDRA 2006)

A política externa dos EUA no período em questão pode ser classificada como Internacionalista, visto que mudara sua falta de atuação e relações com outros países para uma presença mais ativa no meio internacional; unilateral, pois partia do pressuposto que poderia opinar sobre questões de outros países sem que o mesmo fosse feito em suas questões internas e; intervencionista, intervindo facilmente em questões internas de outros países, sendo tal intervenção requisitada ou não. Diante de tal postura política dos EUA frente aos demais países do mundo e as idéias do “destino manifesto” o protestantismo viu um campo aberto para sua expansão. Facilitada pelas contradições políticas, religiosas e econômicas em andamento nos países latino-americanos tal expansão se deu, porém, não sem resistências da Igreja Católica até então hegemônica.

Considerações finais

Portanto além da idéia de que estavam destinados a cumprir a vontade de Deus evangelizando povos e espalhando o protestantismo pelo mundo, os protestantes se valeram de possibilidades políticas para sua expansão. As bases do crescimento protestante sobre território latino-americano não podem ser definidas como somente ideológicas e nem como intenções políticas disfarçadas de religião. Percebe-se que as condições históricas e a ideologia religiosa protestante encontram umas nas outras, espaços propícios ao desenvolvimento mútuo. Porém é necessário atentar para as relações entre religião e política que causam modificações nos cenários vigentes e em como a religião,

neste caso a protestante, foi capaz de lançar bases para o surgimento de uma noção de cidadania e para a formação de ideais nacionalistas no seio das classes menos abastadas da população.

BIBLIOGRAFIA:

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. O celeste porvir. São Paulo: EDUSP, 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa e VELASQUES Fº, Prócoro. Introdução ao protestantismo no Brasil. São Paulo: Loyola, 1990.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. In: revista USP, São Paulo, n.67, p.48-67, setembro/novembro 2005.

BASTIAN, Jean-Pierre. Historia del protestantismo en America Latina. Mexico: Casa Unida de Publicaciones, 1990.

PIEDRA, Arturo. Evangelização protestante na América Latina, análise das razões que justificaram e promoveram a expansão protestante. 2v. São Leopoldo: Sinodal; Equador: CLAI, 2006.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. *Política externa dos Estados Unidos: continuidade ou mudança?*. Porto Alegre, Editora da UFRGS. 2003

HOBBSAWN, Eric. *A era dos Impérios: 1875-1914*. 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MAGDOFF, Harry. *A Era do Imperialismo*. São Paulo, Editora HUCITEC. 1978.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. 11 ed. São Paulo: Pioneira. 1996.

BONINO, José Míguez. *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*. São Leopoldo: Sinodal 2002.

PAIVA, Angela R. *Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

¹ Mestranda em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF, graduada em História pela UFJF, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa- FAPEMIG.